

ESTRANHOS E OUTSIDERS

Produções textuais do curso de Cinema da UFSC

Marcio Markendorf (organizador)

Bruna Ramos Pavesi (revisora)

Número 3



Serafina, a gata sem patas - ilustração de Bruna Ramos Pavesi

Universidade Federal de Santa Catarina

Junho de 2012, Florianópolis.

SUMÁRIO

O mundo dos desajustados	6
Marcio Markendorf.....	6
Gabriel Ornellas.....	7
O Menino de Cabelos de Minhoca.....	7
A Menina de Muitos Narizes.....	8
Julio Aied Passos.....	9
A Garota de Muitos Peitos.....	9
O Triste Fim do Pequeno Menino Cerveja	10
Anna Casarin.....	11
O Garoto Broxa	11
O Triste Fim do Pequeno Menino Cerveja	11
Thiago Teles.....	13
Um Menino com Orelhas de Burro.....	13

Gabriel Tavares Vianna Stella	15
Sonic	15
Tamar Georg Bender	17
O Menino da Boca Trancada	17
O Menino de Pipoca nos Olhos	17
A Menina de Muitas Sobrancelhas.....	18
Guilherme Pozzibon	19
Dois anos se passaram.....	19
O Homem Pintinho	21
Matheus Patiri	23
Andava olhando pro céu.....	23
O homem pintinho voltou	27

Marília Rotili	29
A Triste Vida Amorosa do Menino Bolha	29
Havia notado que o romance com Rosa não dava	30
Seu Sabão cansou da vida de banhos	30
Bruna Ramos Pavesi	31
A Breve História de Serafina, A Gata Sem Patas	31
Adriana Zanotto	33
O Garoto Caveira	33
Carlos Lenine Pereira	35
O Menino de Membrana nos Dedos	35
Gustavo Salvalagio	36
O Homem de Dois Rostos	36

O mundo dos desajustados

Marcio Markendorf

Como produzir ficção a partir das margens, isto é, como abordar literariamente personagens desajustados, estranhos, outsiders? Tendo como ponto de partida a leitura do livro *O triste fim do pequeno menino ostra e outras histórias*, de Tim Burton, um artista marcado por um repertório de personagens tristes e solitárias, os alunos de Expressão Escrita II (turma 2011-2) tiveram a missão de criar a diferença e a incompreensão. O objetivo era circular narrativamente pelo melancólico, pelo humor negro e pelo nonsense. Algumas das histórias escritas ganharam outra versão nas mãos de um segundo autor, revelando caminhos distintos para o pequeno trajeto trágico-cômico de personagens estranhadas e esperançosas de um tanto de atenção.

Gabriel Ornellas

O Menino de Cabelos de Minhoca

A natação lhe agradava e o mar era o lugar.
Os peixinhos que lá moravam
Balé aquático faziam ao redor de sua cabeça.
Ele ficava feliz em dançar com seus amiguinhos
E o melhor de tudo é que com o cabeleireiro
Não precisava se preocupar.

A Menina de Muitos Narizes

Paulinha era pequena, sensível e peculiar. De tudo ela sabia, mas tinha muitos narizes para assoar. Seus narizes eram belos. Trinta e oito. Porém, seus longos cabelos lisos e os olhos azulados faziam-na estranha. Tudo que ela via, queria palpitar. Na vida dos outros, Paulinha era presente. Em tudo se intrometia. Também, outra maneira não podia, com tantos narizes para enfiar. Porém, quando uma gripe a acometia, eram os epidemiologistas que trabalhavam sem parar.



Julio Aied Passos

A Garota de Muitos Peitos

Desde cedo os garotos prestavam atenção nela. Nascera num lugar isolado, próximo a uma usina nuclear, o que justificava (e muito) suas partes avantajadas.

No colégio, sempre sofrera bullying – Vaca leiteira!, gritavam. Com o passar dos anos, isso foi mudando. Garotas passaram a invejá-la; garotos, que antes a isolavam, passaram a desejá-la.

As garotas não gostavam dela, deixavam-na de fora das conversas. Só sobravam os garotos, que nunca a olhavam nos olhos. Seus olhares permaneciam fixos abaixo do pescoço, onde podiam mamar, como se ela fosse uma presa.

Destacava-se das outras garotas da sua idade, o que facilitou os afazeres diários, pois o que ninguém percebia era o número de braços que ela possuía.

O Triste Fim do Pequeno Menino Cerveja

Ele fora concebido numa noite turbulenta. Sua mãe estava quase em coma alcoólico. Seu pai, não se sabe nem o nome da figura, nem se foi um só.

Deu muito trabalho no parto, pois nascera litrão. Sua mãe nunca o deixava sair à noite. Dizia que era perigoso para um garoto como ele.

Uma noite, ele fugira enquanto sua mãe estava deitada, bêbada, no sofá. Ele fora para o lugar mais barulhento da redondeza, uma festa de jovens. Infeliz destino. Primeira noite de diversão de sua vida acabou cedo, no engradado de garrafas vazias.

Anna Casarin

O Garoto Broxa

Desde sempre, fora broxa. Evitava se relacionar com meninas porque, por mais bonitas que fossem, sempre broxava. Histórias se espalhavam pela escola, todo mundo já sabia. Quando levantava o braço para fazer alguma pergunta em aula, até os professores comentavam: “Pelo menos alguma coisa ele consegue levantar”. Mas o que ninguém percebia, na verdade, é que “ele” era apenas uma menina que se vestia muito mal.

O Triste Fim do Pequeno Menino Cerveja

Nasceu Brahma, virou Stella. Mas queria, em segredo, realmente ser Heineken.

Seus pais só bebiam vinho para não se confundirem.

Não podia ir a bares, festas ou sair com os amigos. Tinha sempre aquele inconveniente que pedia um golinho.

Isolava-se em seu quarto gelado. “Cerveja quente é purgante!”, dizia sua mãe.

Um dia, seus pais trouxeram para casa, por engano, uma menina champanhe. Apaixonou-se imediatamente.

Ela o esnobava: “Champanhe é bom demais para cerveja!”

Num belo dia de verão, desolado com a vida, trancou-se no quarto e desligou a refrigeração. Se não pudesse ter a champanhe, preferia fermentar.

Fermentou, fermentou, até virar vinho. Agora era bom o bastante para a champanhe.

Casaram-se e tiveram filhos. Um lindo whisky e uma bela tequila. Para comemorar, os avós orgulhosos fizeram uma festa. Abriram seu melhor vinho e estouraram a garrafa do melhor champanhe. E foi assim que os pequenos irmãos destilados jamais conheceram seus pais.

Thiago Teles

Um Menino com Orelhas de Burro

Aos treze anos, seu corpo, em especial seu rosto,
começou a mudar

Estranhamente, suas orelhas cresciam
e não paravam de aumentar

Na escola, os outros alunos percebiam

Que até pelos iniciavam a brotar

Todos apontavam para ele, sendo o centro das atenções

Agora, triste, estava sempre a chorar.

Nas ruas, quando caminhava, todos estavam a zombar

Sem amigos para conversar

Seguia seu rumo para o horizonte o levar

Um cachorro na rua o estranhou

Assim, ele se acanhou

Excluído e com vergonha, decidiu viajar

Sem rumo, para ninguém o encontrar

Parado em uma ponte, sozinho

Pensava naquilo que o poderia salvar

Assim, então, decide se matar.

Gabriel Tavares Vianna Stella

Sonic

Nasceu um menino diferente
Tão pequeno e azulado
Tinha espinho pelas costas, coitado
Era tão odiado

Não sabia brincar de amarelinha
Só queria dar cambalhota
Conhecido por trombadinha
Girava rápido em bolota

Mais ingênuo não tem como
E seu amiguinho, “a” raposa,
Não escondia que era homo
Nem queria ser sua “esposa”

O ódio do pai era nítido
Eles tentavam se matar

Velho gordo robô mórbido
Ah, se o Sonic ele pegar!

Viviam em um mundo cibernético
Com plantinhas coloridas
Porco-menino-espeto fétido
Não colhia margaridas

Roubava anéis
Corria depressa
Batia no pai
Que fase é essa?

Tamar Georg Bender

O Menino da Boca Trancada

Tinha nascido com uma fechadura na boca
Um dia falou demais
A mãe resolveu trancá-la
Só que perdeu a chave
Morreu o menino sem sorriso na cara

O Menino de Pipoca nos Olhos

Passeava na praça
As pombas que lá havia
Voavam ao redor de sua cabeça
E ele ficava feliz de ter amigos
Por sorte ele estava de óculos escuros

A Menina de Muitas Sobrancelhas

Paulinha era pequena, sensível e peculiar.
De tudo ela sabia, mas tinha muitas sobrancelhas
para depilar. Suas sobrancelhas eram peludas.
Vinte ao todo. Porém, sofria de queda de pelos. E
deixava um rastro nos ombros de todos que
gostava de abraçar. Ao menos com protetor
solar, não precisava se preocupar.



Guilherme Pozzibon

Dois anos se passaram

Dois anos se passaram
Até que sua mãe estranhou
Por que esse bebê ainda não chegou?

Se deu conta que estava atrasado
Os nove meses passados
Pensou em se desculpar
Mas não tinha ninguém para escutar

Quando se deu por si
Já estava todo molhado de xixi
E assim o menino sorria
Com água quentinha que saía dali

Já sabendo andar
Decidiu trepar
Na primeira árvore que avistar

Porém com o esforço que fez
Evacuou tudo duma vez
Um fruto maduro escuro
Que comeu meio taciturno

Agora alimentado
Se encontrava cansado
Cochilando no gramado

Do nariz escorria
Uma água branquinha
A qual lambia
Só de brincadeirainha

Sozinho descobrira
Os prazeres da vida
Mas não tinha família
E cutucou uma ferida
Que rapidamente se abrisse
Então nela entrou

E no avesso se encontrou
Sozinho no escuro
Como o da mãe que ele deixou

O Homem Pintinho

O homem pintinho
Só estava a fim dum carinho
Mas era tão pequenininho
Que vivia sozinho

As suas pernas desengonçadas
Sempre que apalradas
Rapidamente ouriçadas
Eram motivo de gargalhadas

Até que conheceu uma galinha enxuta
Talvez uma prostituta
Daquelas que não fogem à luta

Sem um mínimo de conduta
E ela então o comeu
E contou para os amigos seus
Que o homem pintinho morreu
Antes mesmo de dizer adeus

Matheus Patiri

Andava olhando pro céu

Andava olhando pro céu
E tropeçou numa garota
Que vinha caçando a boca
Desde o fim do bebeléu

A boca da garota
Fugida e fingida de flor
Foi para ela a gota d'água
Sem sentido

Vermelha,
Flor-boca vermelha
Escondeu-se na sobancelha
Do garoto e ficou muda

Em exercício de análise moribunda
Enquanto teu hospedeiro

Meio que em transe profundo
Sentava a bunda no chão

Sentado,
Garota girava ao seu redor
Gesticulava seu argumento
Que o vento levava em seguida

Ela até perguntaria
“Estás surdo?”
Mas se o rapaz continuava mudo
Muito menos ela podia

Em mútuo estado de mudez
Ali ficou instalada
Na embriaguez, embriagada
Na cegueira do garoto

Que ali sentara
Por achar que a garota fosse calçada

Meio fio com flor brotada em cimento
E algumas folhas na cara por conta do vento

Também por isso não se importava
Admirava o tato, paladar, audição e olfato
Era privado de visão e nem notava
A garota ao lado

Que por sua vez não notara
Que o garoto não notara
E se sentia ignorada
Como quem grita calada

Pois então, nada de muita ação,
Paixão ou aventura...
Por ventura umas pingadas de ficção
Que não impedem a consumação

Da verossimilhança,
E assim ficaram ali,

Como plantas, e ficarão
Mudas de esperança

De que um dia se confunda
Ainda mais,
Se confundam flores e bocas
Se confundam calçadas

Se confundam todas as marcas
Da realidade de fel
Todos os sabores e odores
Todos os narradores

Se confundam todos os papeis
Que a garota desbocada
Esteja agora sentada
E o garoto não mais cego

Encontrara sua boca na sobancelha
Da garota flor-boca vermelha

Que levanta, sorri
E o beija

O homem pintinho voltou

O homem pintinho voltou
A fim de carinho de novo
Mas a galinha um ovo chocou
E Pintinho Jr. um pai ganhou

Pintinho Jr. era desengonçado como o pai
Que não mais vivia sozinho
Trocava o “piu piu” por “ai ai”
E até tinha alguns amiguinhos

Um desses, aliás
Disse que a mãe de Pintinho Jr. se prostituía
E assim, sem mais
Pintinho Jr. este amiguinho engolia

Engoliu todos os seus amiguinhos
Que falavam de sua mãezinha enxuta
E vomitava-os de volta
A cada nova luta

Pois é, o homem pintinho não tinha morrido
Fora vomitado por sua galinha
E sem querer querendo
A história se repetia

É tanto engole e vomita
Que até hoje a dúvida fica
Quem será que veio antes,
O ovo ou a galinha?

Marilia Rotili

A Triste Vida Amorosa do Menino Bolha

Já tinha visto que romance com a Rosa não dava. O espinho espinhava e não perdoava. Como era triste ser uma bolha de sabão apaixonada.

Relação mais rápida do que com a Bola de Chiclete não há. Basta uma forte soprada e tudo se acaba.

O mesmo problema com o Dente-de-Leão. O vento levou embora toda a paixão.

Não queria uma vida comum, encontrar outra bolha e tornar-se só um.

Achou melhor dar um fim. Subiu, subiu, até que explodiu.

Havia notado que o romance com Rosa não dava

Havia notado que o romance com Rosa não dava. O espinho perfurava e não perdoava. Como pessoa de vida vazia era tida, pois nunca tivera uma paixão correspondida. Até com a Bola de Chiclete tentara, mas um forte assopro com o amor acabara. Com o Dente-de-Leão, o problema se repetia. Batia qualquer ventinho e o amor sumia. De relação em relação, o problema se repetia, e a depressão se instalou um dia. Do Seu Percevejo, um abraço apertado abriu o peito do Bolha apaixonado.

Seu Sabão cansou da vida de banhos

Seu Sabão cansou da vida de banhos

Cansou da sujeira, cansou de escorregar

Tomou outro rumo até a Dona Argola encontrar

Era tão linda que não se censurou ao se esfregar

Não demorou muito e dessa relação nasceu

Uma bolha caolha que de tão feia se escafedeu

Bruna Ramos Pavesi

A Breve História de Serafina, A Gata Sem Patas

Serafina nasceu de uma linhagem de gatos, belos gatos Angorás. Com pedigree. A gata mãe – Dominique – deu à luz a três gatinhos lindos, fofinhos e saudáveis – e Serafina.

O veterinário, primeiramente, não soube distinguir o objeto estranho que havia saído da gata mãe. Uma bolota. Com poucos pelos. E cabeça, e olhos, e orelhinhas! E era fêmea. Uma gatinha sem patas!

Nas semanas seguintes ao nascimento, a pequena bolota fora desdenhada pelos donos, pela mãe e pelos seus irmãos. Notou que não era querida. Notou que era diferente dos outros da sua espécie. Enquanto seus irmãos davam os primeiros passos, Serafina ficava parada no mesmo lugar por dias. Observava os gatinhos brincando e comendo a melhor ração do mercado – e Serafina comendo pequenos insetos que passavam pelo chão.

Não demorou para aprender a rolar. Rolava da despensa para a cozinha. Da cozinha para a sala. Mas quando chegava nas

escadas... Ah, as escadas! Seus irmãos e sua mãe, no último andar, olhavam-na com desprezo.

No verão, chegou a sobrinha da dona da casa para passar as férias. A menina tinha seis anos e muita energia para gastar. Os outros gatos fugiam, porém Serafina não era tão rápida – e nem conseguia subir em locais altos. Portanto, fora o “brinquedo” da criança. Era arrastada para cima e para baixo. A menina até havia comprado roupinhas temáticas – patinho, leãozinho – para a gata usar. O lugar das patas ficava sobrando. E a menina rodava e jogava Serafina pro ar.

Serafina, ao contrário de todos os comentários, sobreviveu ao verão. “Vaso ruim não quebra”. E ainda saiu mais forte dessa experiência. Já não ligava em rolar todos os degraus escada abaixo.

Achou que estava pronta para sair desse mundinho fechado que conhecia. Queria rolar pelas ruas da cidade e procurar seus semelhantes! Viajar, ver coisas diferentes.

Porém, ao passar o portão, foi parar numa praça, rolou pelo campinho de futebol, foi chutada para longe. Estou voando!

Adriana Zanotto

O Garoto Caveira

Nascido em uma pequena ilha, com poucos habitantes, todos já estavam acostumados com ele andando por aí. Era simpático com todo mundo, ao mesmo tempo em que era excluído. Não podia participar de todas as brincadeiras, ele não tinha carne nem pele para segurar algum osso que resolvesse sair do lugar, e há tantos ossos pequenos que poderiam ser facilmente perdidos na areia.

Porém, sua diversão preferida era brincar de quebra-cabeça consigo mesmo. No começo nem se importava com a dor, pois era muito interessante desvendar o próprio corpo, mas com o tempo, além de ser dolorido, ficou entediante. Resolveu então, em uma noite de lua cheia, a qual iluminava bem a ilha, ir para o lado proibido. Era um pedaço de praia muito lindo, onde havia um caminho de pedras pelo mar com um trapiche.

Andando por ele, viu, lá no fim, a coisa mais bela de todas. Era uma coluna perfeita, um crânio... Uma esbelta garota caveira. Sentou-se ao seu lado, olhou no fundo dos seus

esfenoides. Ela retribuiu o olhar graciosamente. Um vento forte começou a soprar; foram-se as mãos, foram-se os pés, fora tudo para o ar - não ficou nem o amor que iria começar.

Carlos Lenine Pereira

O Menino de Membrana nos Dedos

O emprego noturno de limpador do gigante aquário do parque era perfeito para Vince, que nascera com membrana entre os dedos.

Podia enfim nadar livremente, livre dos sapatos, livre das luvas ridículas, que escondiam suas aberrações à luz do dia.

E nadava rápido como um raio, mergulhava, conversava consigo mesmo ao boiar na água.

Em uma noite, ficou tão relaxado, absorto em pensamentos, que dormiu boiando.

Os primeiros funcionários a chegar de manhã viram Vince e tiveram uma ideia: show de aberrações! “Faturaremos uma grana”, disseram.

Enjaularam o pobre Vince.

Já no mesmo dia, meteram-no num aquário menor, transparente, para todo mundo ver. Seria a grande atração do parque. Fecharam hermeticamente o tanque. Infelizmente, Vince nascera com membrana entre os dedos, não com guelras.

Gustavo Salvalgio

O Homem de Dois Rostos

Edward, jovem bem apessoado e não sem posses, encantava e assombrava as pessoas com seus modos reclusos – falava-se em casamento, entretanto, e no grande dia que foi, a noiva aos desmaios e na alcova (que pena!) a revelação: saindo de sua nuca, Edward tem aí seu irmão! Que não fala nem come, mas sabe apenas rir e chorar, e assim começava a vida dos dois, que era em três, e que durou pouco, uma vez que entre Edward e sua noiva havia seu irmão, que nada contribuía para a paixão. Daí decorre o fato, o suicídio consumado, e o caixão para dois, unindo o que não houve em vida. Quem passa por seu túmulo para dois não o faz sem ouvir um choro fungado ou um riso fingido que brota por debaixo da terra.